

D - FREDERICO OZANAM: DEFESA DOS POBRES E MARGINALIZADOS:

A PRESENÇA DE OZANAM.

(1953)

ANTÔNIO FREDERICO OZANAM é uma das mais simpáticas e empolgantes personalidades católicas do século passado. Viveu numa época agitada e difícil, a época pós-revolucionária, em que muitos espíritos se perderam julgando diabólica a obra da Revolução e sonhando com aliança necessária entre o trono e o altar. Em era histórica tão difícil, é quase um milagre que Ozanam se tenha conservado na posição que assumiu, reconhecendo o que havia de bom na avalanche de idéias novas e reagindo contra o enfeudamento da Igreja a regimes periclitantes ou caducos.

Realmente o que é mais admirável e mostra nele um devoto da cultura verdadeiramente cristã é que, embora mergulhado de alma toda no passado e num passado glorioso para a Igreja - medievalista que era -, não foi um saudosista, um reacionário, um propugnador de retrocessos históricos ou de instituições transactas. Pelo contrário, foi um homem de seu tempo, que amou o seu tempo, que teve olhos para os candentes problemas humanos, sociais e políticos que via em torno de si, isto quando lhe era tão fácil refugiar-se nos seus apaixonantes estudos, onde ninguém o contraditaria, onde ninguém o olharia com suspeição, onde não incomodava ninguém.

Ele compreendeu perfeitamente que a missão da inteligência católica é “viver o doloroso paradoxo de uma fidelidade absoluta ao eterno, estreitamente unida à mais diligente compreensão das angústias do tempo”, como veio a dizer depois Maritain. Ozanam é uma personalidade que nos domina, pela riqueza e variedade de suas facetas. Foi homem de meditação, homem de gabinete, erudito minucioso e bem aparelhado, farejador de documentos e arquivos, senhor de quase dez línguas, estudioso impenitente e infatigável; foi homem de letras, escritor primoroso, alma aberta à poesia das palavras, e à poesia das coisas, que encontrou nele um São Francisco de Assis; foi amigo incomparável, líder suave e incontestado de uma mocidade que o admirava e o amava com respeito e carinho; foi homem de ação multiplicada e vária, caridosa aqui, apologética ali, político-social acolá, pondo em tudo o acento daquela *discretio*, que também constituiu a marca de S. Vicente de Paulo, um dos seus santos prediletos.

Vemo-lo sábio debruçado sobre livros e enfurnado em arquivos; vemo-lo professor eloqüente e arrebatador, despertando entusiasmos numa cátedra

escrupulosamente servida; vemo-lo viajante enamorado a decantar as maravilhas da terra italiana, da Suíça, ou do país do Cid; vemo-lo jornalista vibrante e combativo, advogando para a Igreja a prioridade na preocupação com os pequeninos e injustiçados; vemo-lo humilde e confuso no tugúrio do pobre, que ele semanalmente visitava com o espírito de S. Vicente; vemo-lo fardado e empunhando fuzil na revolução de 43, batendo-se pela justiça e pela paz honrosa e sugerindo a gloriosa travessia do arcebispo de Paris até as barricadas rebeldes, onde morreu nos braços de um operário; vemo-lo afrontar a morte aos 40 anos, com tristeza humana na primeira hora e com tranqüila alegria depois, proclamando que jamais trabalhara pelos louvores dos homens mas unicamente pelo serviço da verdade.

Já tivemos oportunidade de estudar e chamar a atenção para alguns aspectos da personalidade intelectual e espiritual de Ozanam, em três conferências publicadas todas nesta revista. O que hoje queremos sublinhar é a atualidade de Ozanam, ou melhor, a força de presença de Ozanam, ao nosso lado no combate, ao nosso ouvido na meditação, adiante de nós no exemplo.

Ozanam foi profético neste sentido, que pressentiu com nitidez e anunciou tempos mais negros, lutas tremendas entre duas civilizações e o advento de uma nova era histórica, marcada pela verdadeira democracia:

“Sempre acreditei na invasão dos bárbaros; acredito nela agora mais do que nunca; julgo que será longa, mortífera, mas destinada, cedo ou tarde, a vergar-se à lei cristã e, por consequência, a regenerar o mundo”.

“O que conheço de história me dá bases para crer que a democracia é o termo natural do progresso político e que para lá Deus conduz o mundo”.

Pela sua atuação, foi Ozanam um modelo de apóstolo leigo e doutrinador da ação católica. É o que diz Mons. Villepelet, bispo de Nantes, autor de um interessante livrinho antológico, *L'Esprit d'Ozanam*:

Por seus escritos, Ozanam figura como “pensador” de nossa atual Ação Católica. Se é verdade que ele não redigiu um código metódico, é certo que se acham esparsos pelos seus estudos e sua correspondência todos os elementos para isso; basta reuni-los em ordem lógica para oferecer ao leigo de hoje um instrumento excelente, capaz de orientar de modo eficaz sua ação apostólica”. (op. cit., Egloff, Paris, [1949], p. 11).

Nunca Ozanam deixou de ter preocupação de dar seu testemunho cristão. Estudante em Paris, organizou logo um grupo de colegas vigilantes e preparados, que não permitiram que os professores sem Fé atacassem impunemente o cristianismo e a Igreja. Se numa aula os mestres se excediam, na aula seguinte choviam perguntas incomodativas, por escrito, a preveni-los de que aquilo não era terra de ninguém, que havia oposição, que havia

personalidades e personalidades cristãs. E a consequência foi que o ambiente mudou, passou a ser respeitoso ou cauteloso em relação à Igreja. Os moços estudavam, religião e história, estimulados por Ozanam, para não permitirem essas condenações fáceis que o *livre pensamento* costuma fazer à Igreja, apoiado na própria ignorância e animado pela ignorância alheia.

Mais tarde, temendo que suas “conferências de história” se perdessem num intelectualismo perigoso e pedante, propôs Ozanam a substituição pelas “conferências de caridade”, início da grande obra que é a Sociedade de S. Vicente de Paulo. “Ponhamos nossa Fé sob a proteção da Caridade”, foi a palavra de ordem com que um moço de vinte anos, quase menino, lançava a semente de uma fundação que em pouco tempo cobriria o mundo.

Veio depois a preocupação com o chamado “grande público”, as chamadas “elites”, e aquele moço, pouco mais que adolescente, conseguiu do arcebispo a instituição das “Conférences de Notre Dame”, inauguradas por Lacordaire e até hoje mantidas, sempre com a marca da mais pura e tranqüila ortodoxia, realizadas pelo tempo afora por grandes pregadores, como Monsabré, Janvier e tantos outros, hoje representados pelo admirável padre Michel Riquet.

Na cátedra da Sorbona o professor exemplar sempre foi um homem de ciência e um apologeta, ministrando com grande exatidão e pontualidade excelentes cursos cheios de descobertas, de colocações pessoais e de originalidade.

Hoje em dia provoca riso a afirmação de que a Idade Média foi a “noite de mil anos”, provoca riso, porque qualquer pessoa medianamente informada sabe o que foi o estudo, o que foi a arte, o que foram as catedrais, o que foi a organização social, a organização profissional, a organização urbana da Idade Média. Sabe que foi a Idade Média que caldeou e preparou a civilização moderna, inclusive o desenvolvimento das técnicas e das ciências experimentais. Mas essa reviravolta na cultura se deve a Ozanam, que foi quem se decidiu a estudar cientificamente a Idade Média e a fazer-lhe a apologia com seguros dados históricos.

Ozanam sentiu fundo a gravidade da “questão social”, que então começava a manifestar-se, e pôs-se logo em campo para reivindicar posições e prioridades, e para alertar os burgueses, as “gens de bien”, para a grande convulsão que se avizinhava, desencadeada pelo egoísmo dos que têm tudo mas ainda cobiçam mais.

Quero agora deter-me um pouco em mostrar a importância e sobretudo a *atualidade* da Sociedade de S. Vicente de Paulo, das conferências vicentinas.

Bem sei que elas passaram de moda, bem sei que os moços de hoje olham com desdém e piedade para essa associação de velhos enferrujados que, na época da “ação social”, da “assistência social”, teimam em levar um cartãozinho ensebado à casa do pobre, para matar-lhe a fome por meia hora na semana. Bem sei que a Sociedade está em decadência, por falta de renovação de quadros, pelo peso de uma rotina esterilizante, por esquecimento do espírito inicial. Mas sei também, com a força de uma convicção, que nada quadra melhor aos nossos tempos, nada responde melhor às necessidades e deficiências espirituais da nossa época do que a Sociedade de S. Vicente de Paulo.

Explico-me:

Revela-nos uma análise, aliás fácil, do que vai em torno de nós que os homens de hoje se caracterizam pelo gosto do aparato, do “espetacular”, do gritantemente visível; que os homens de hoje são egoístas, a correr porfiadamente após o próprio interesse, despreocupados da sorte alheia; que os homens de hoje não têm perseverança, preferem a agitação à ação, a improvisação à edificação.

Revela-nos uma análise mais detida e profunda que o grande pecado do nosso século é o pecado contra a Esperança, à diferença do século passado, que pecou contra a Fé. Os homens de hoje apostam tudo nos bens presentes, no conforto proporcionado pela técnica, na vida fácil, leve e variada, apostam tudo no dinheiro, que dá tudo isto e mais o prestígio. Ora, esta atitude, levada ao desvario como a vemos e transformada em princípio, provoca o desespero dos bens futuros e invisíveis. É a negação prática da Esperança, é a certeza vivida de que o paraíso está por aqui e que, portanto, não há um minuto a perder. É uma interpretação blasfema daquela palavra do Evangelho, que “o reino dos céus padece violência e que os violentos o roubam”. (*Mat.*, XI, 12).

Ora, a Sociedade de S. Vicente de Paulo aparece como o mais perfeito antídoto para esses males que nos cercam e nos invadem. Cumpre assinalar de início que ela não é, como muita gente pensa, uma obra de misericórdia. É uma escola de santidade. O fim primeiro dela é a *santificação do confrade*, através do serviço ao pobre.

Exige como obrigação a frequência semanal às reuniões, onde só se trata de interesses dos pobres, e a visita semanal ao domicílio da família ou das famílias confiadas a cada confrade. Ora, aqui está um mister obscuro, incômodo, áspero, desagradável, sem “claque”, sem ressonância. É muito mais interessante ficar a conversar com amigos vivazes sobre arte, ciência, filosofia ou política, ouvir música ou ir ao Museu de Arte Moderna, do que escalar um morro escabroso, sujo e pelado, estragado pela erosão e pelo mau trato, para depois entrar na casa de um pobre mal cheiroso, sem educação, sem graça, desfigurado pela doença, pela miséria, pela indolência e pela ignorância, um

pobre tão distanciado de nós pela mentalidade, pelo nível econômico e pelo estilo de vida.

E as visitas são decepcionantes. Muitas vezes nada conseguimos no terreno moral e espiritual, o pobre não melhora, não sobe na escala humana, não se interessa pela religião. Outras vezes, ele simula interesse e prática religiosa, para não perder o auxílio magro que lhe levamos. Tantas vezes, enquanto conversamos com a velha mãe ou o velho pai, os filhos, já envenenados pelo granfinismo, ficam a zombar da nossa imbecilidade, da nossa ingenuidade, do nosso passadismo, de falar em religião e resignação e trabalho, numa época de progresso, de ascensão rápida e de golpes, em que a grande fonte de dinheiro é a esperteza e o ofício de “intermediário”.

As visitas são acabrunhantes. À medida que nos aproximamos da miséria, ela se mostra maior, mais profunda e mais extensa. Vamos visitar um e quatro outros pedem socorro. A coisa se agiganta, passa muito as nossas medidas e a da nossa pobre Conferência. Onde e como arranjar uma casa melhor para esta família de oito filhos, que mora num quarto ao lado de um chiqueiro, em que dois porcos nédios e exalantes são um escárnio para a magreza de olhos tristes dos meninos barrigudos? Como vencer o alcoolismo daquele pai, que só trabalha quando está sem dinheiro para beber e que absolutamente não se interessa pela sorte dos filhos que pôs no mundo? Como consolar esta mulher, que já se tinha disposto a regularizar sua situação matrimonial, e cujo marido dias antes foi cortado ao meio por um reboque de bonde em que viajava de volta de um trabalho penoso e mal pago? Como resolver o caso desta mulher, mãe de quatro filhos, cada qual de um pai, sozinha e cardíaca, a quem o médico simplesmente proibiu de lavar roupa? E que dizer àquela outra, que sustenta a família lavando, e que está intimada pela patroa rica e mãe de filho único a pagar pelo preço de novas, seis camisas e duas colchas que lhe foram roubadas da corda quando secavam?

Seria melhor desertar, mas e o remorso? Seria melhor não visitar esta semana, porque afinal o descanso de hoje é merecido, mas se ela estiver com fome? Se ela estiver sozinha e triste, esperando o consolo de nossa visita a que já se acostumou?

Vamos, corpo sem fibra e alma egoísta, porque te negas a subir uma vez o caminho áspero que eles sobem sete? Porque não queres ver quinze minutos a agra miséria que eles sofrem vinte e quatro horas? Vamos, jumento, é o amor de Deus que pede, os pobres são o Cristo, que “está em agonia até o fim dos tempos”. A vida não tem só prazeres, é preciso mortificar a carne e preparar o espírito, porque não temos morada neste mundo.

Esta a luta do confrade, estes os agulhões que lhe mantêm a perseverança, que lhe vão substituindo os colarinhos engomados por outros sem goma

e trocando-lhe o sibaritismo pela inquietação, a falsa tranqüilidade pelo sofrimento da solidariedade e da Comunhão dos Santos.

Apesar de tudo isto, no entanto, dias há em que as visitas são particularmente penosas. Falta-nos o ânimo, porque também nós nos achamos acabrunhados, roídos intimamente por alguma tristeza, algum problema, alguma contrariedade. E vamos a reboque morro acima. Então, a meio caminho, tomamos o braço um invisível personagem, homem de meia idade, barba aparada e cabelos longos, fisionomia extremamente séria e grave, olhos serenos e tristonhos, de um brilho suspeito, que nos denuncia uma doença consumptiva e mortal, um homem afável e meigo, que nos diz ao ouvido: “Quantas vezes também eu”, como você agora, meu amigo e confrade, “sob o peso de uma angústia interior, inquieto por minha saúde periclitante, entrei cheio de tristeza na casa do pobre confiado a meus cuidados e aí, à vista de tantos infelizes mais dignos de pena do que eu, censurei e reprovei minha falta de coragem, senti-me mais forte contra a dor, e dei graças a esse coitado que me tinha consolado e fortificado com o aspecto de suas próprias misérias! E como desde então poderia eu deixar de amá-lo ainda mais?” (Ozanam, *Mélanges*, II, tomo VIII das *Oeuvres Complètes*, Paris, 1855, p. 49).

Está-se vendo como a Sociedade de S. Vicente de Paulo é lugar e fonte de santificação, que bem pode ela fazer a nossas almas entibiadas ou efeminadas, quanto pode desbastar nosso monstruoso comodismo e egoísmo, em que sentido e em que escala nos aumenta a Esperança.

Tomada a sério a vida vicentina, ela nos aquieta a consciência, apesar de nossas deficiências e misérias. Aquieta-nos, porque nos mostra que estamos no caminho certo.

Sim, o serviço do pobre, serviço no sentido próprio, já que o pobre é considerado nosso amo –, o serviço do pobre é uma das coisas que mais agradam a Deus e uma das coisas que mais nos consolam, que mais nos enchem a vida. Aquela obrigação de todas as semanas ir à mansarda do miserável levar-lhe uma palavra de compreensão, a voz de amigo, isso tendo como bilhete de entrada um modesto óbolo, - vai-nos mostrando no imo d’alma a inconsistência das coisas do mundo, a inanidade das glórias deste século, vai-nos filtrando no coração um certo remorso de ter isto e mais aquilo, quando o pobre nada tem, de ser isto e mais aquilo, quando o pobre nada é, de esperar isto e mais aquilo da vida, quando o pobre nada espera. E esse remorso nos vai abatendo o orgulho, vai-nos abrindo o coração, vai incitando-nos a substituir os nossos mesquinhos projetos, os nossos rasteiros sonhos de triunfo, as nossas vesgas ambições, - por um ideal de serviço do próximo. E assim vamos pouco a pouco preferindo estudar para servir, falar para servir, trabalhar para servir, cansar-nos para servir, descansar para servir, mortificar-nos para servir, alegrar-nos para servir. Vamos aprendendo a ter santa inveja da pobreza do pobre, a ter sadio desprezo pela riqueza e pelas pompas e pelos prestígios dos ricos, a ter respeito profundo do pobre e a ter compaixão

dos ricos, dos miseráveis camelos que só podem contar com um minúsculo buraco de agulha para tentar o ingresso no Reino.

E cada dia que passa, a vida ganha para nós nova perspectiva: invertida, mas verdadeira; angustiada por vezes, mas bela; sem flores e festões, mas luminosa - a perspectiva da Esperança e do Dom de Ciência.

Estudando a vida de Ozanam, palpita-nos agudo interesse por ele e por ela; lendo-lhe as obras, encontramos a cada passo uma página de flamante atualidade. Sentimos nele um irmão, um companheiro de lutas e de ideais, um mestre e um condutor. Mas, sobretudo, conhecendo de perto a Sociedade de S. Vicente de Paulo, que ele fundou para os moços de seu tempo e de todos os tempos, conhecendo-a com aquele “saber só de experiências feito”, sentimos Ozanam junto de nós: o intelectual do século passado, o professor emérito, o defensor das nossas posições de hoje, torna-se para nós algo de maior e mais palpável, torna-se uma poderosa Presença.

O peregrino que descer à cripta da longínqua igreja de Saint-Joseph des Carmes na encantadora Paris, encontrará no mais escuro canto uma obscura pedra tumular. Ela fecha uma campa onde aguardam a ressurreição gloriosa as cinzas de Frederico Ozanam, e sobre ela se lê uma inscrição, tomada ao Evangelho e que misteriosamente profetiza o destino de quem continua, de quem está presente: “Por que buscais entre os mortos a quem está vivo?”

[Nota dos organizadores desta coletânea: completam este artigo a transcrição de dois textos de Ozanam - “A Igreja e os regimes temporais”, uma página de mocidade, e o manifesto “Aos eleitores do Ródano” (datado de 1848), e mais a “Bibliografia de Ozanam” e “Bibliografia Sobre Ozanam (Fontes Para Estudo)” preparadas e comentadas por Gládstone Chaves de Melo.]

(In *A Ordem*, Rio de Janeiro, set. 1953, pp. 199-223.)

OZANAM: CULTURA E ERUDIÇÃO.

(1951)

[.....]

Em outra oportunidade tratamos de Ozanam sob o prisma intelectual e o apresentamos como precursor: precursor da moderna reabilitação histórica da Idade Média, precursor das atuais posições da exegese dantesca, precursor dos estudos sobre o franciscanismo artístico, precursor das mais avançadas afirmações do catolicismo social.

Já se está a ver a importância de Ozanam no mundo da cultura. Insistiremos no ponto, não sem primeiro estabelecer uma distinção necessária.